 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 030. Eleições e Política

Marcos Otavio Bezerra (Universidade Federal Fluminense) - Coordenador/a, Wilson José Ferreira de Oliveira (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Christine de Alencar Chaves (UnB) - Debatedor/a O GT se prop?e a receber trabalhos que abordem etnograficamente como sujeitos, fam?lias, grupos e coletividades se organizam, agem e pensam a pol?tica. As elei?es aparecem como evento marcante para tomada de posi??o e organiza??o de concep?es sobre pol?tica e seu funcionamento. Seguindo possibilidades abertas por trabalhos do N?cleo de Antropologia da Pol?tica (NuAP), o per?odo eleitoral ? um momento prof?cuo para analisar como a pol?tica se relaciona com espa?os da vida cotidiana, seja atrav?s do engajamento dos sujeitos nas disputas eleitorais ou definindo coletividades que, enquanto tais, as evitam. Simultaneamente, dimens?es da vida cotidiana (como rela?es entre vizinhos e disputas entre fam?lias) s?o muitas vezes pensadas e elaboradas tal qual uma pol?tica, oferecendo igualmente, elementos que comp?e o funcionamento mais geral da pol?tica. Cabe especialmente discutir os poss?veis deslocamentos do processo eleitoral na conjuntura atual. O golpe de Estado e a crescente interven??o de decis?es judiciais na defini??o de ocupantes de cargos p?blicos p?e em cheque o significado usualmente atribu?do ?s elei?es. Trata-se tamb?m de uma disputa eleitoral onde se d?o, simultaneamente, defini?es em rela??o a quest?es nacionais, polariza??o entre esquerda e direta, demarca??o de posicionamentos em rela??o a temas cotidianos, padr?es est?ticos, corpos e identidades. Esse quadro abre um amplo espectro para (re)pensar e ampliar a reflex?o da antropologia em rela??o ? pol?tica.

Os usos políticos do desenvolvimento no Brasil: crise e disputas antes das campanhas eleitorais de 2018

Autoria: Guilherme Radomsky

Neste artigo examino eventos relacionados às eleições de 2018 no Brasil em sua fase pré-campanha observando como as disputas sobre as orientações na política econômica servem de apoio a candidaturas. O objetivo é demonstrar como o crescimento econômico do último ano tem sido discursivamente disputado e, mesmo inexpressivo, é ponto de conflito no período pré-eleitoral. Desenvolvimento, em um momento de tensão, pode significar muitas coisas e atua na política performatizando relações, sugerindo também sua possibilidade para encenações de poder por atores que perseguem visibilidade. Por se tratar de uma investigação sobre o panorama brasileiro e não localizado a um território específico no país, fiz a escolha de diversas fontes midiáticas para a análise, com foco para plataformas na web de conhecidos jornais do país e com a disputa do executivo federal em questão. São examinados depoimentos de pessoas do mundo político brasileiro em várias fontes e a opção pelo período pré-campanha objetivou entender o processo que aos poucos foi articulando pessoas, ideais, lemas, partidos e como o assunto ?desenvolvimento? também se aqueceu como tema de eleições. Atores do governo (federal) apostam em uma rede de relações discursivas em torno da ?recuperação do crescimento?, com discursos que se pretendem ter lastro em dados econômicos e estatísticos; opositores constituem suas argumentações em torno do ?desenvolvimento? brasileiro nos governos anteriores ter sido perdido ou que algo radical deve ocorrer. No caso governista se percebe uma tendência ao argumento técnico mesmo que os indicadores econômicos estejam com variações no período, e focado no empresariado como agente principal. No caso dos grupos considerados mais à esquerda, o efeito é articular desenvolvimento e um caráter ?social? e/ou estatal das ações públicas. Há, portanto, clivagens e atores elegem suas propostas de desenvolvimento, tendo efeitos no modelo de país desejado e entrelaçam-se práticas de governo, técnica e política. Crises emergem e intervenções se apresentam como soluções

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> articulando autoridade, ordem e seus efeitos no combate à corrupção e na alavancagem da economia. O desenvolvimento se apresenta, então, como uma linguagem disseminada e iniciativas liberais, estatistas ou autoritárias se valem de sua capacidade mobilizadora. Observa-se que, sendo polissêmico, desenvolvimento pode ser mote para vários tipos de ação e, ainda que possa despertar sentimentos e anseios de ?progresso?, muitas das vezes é ponto crítico para desencadear mudanças conservadoras.
> Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**